

Reflexão**O mapa da minha família***Ana Gabriela Sturzenegger Michelin**Ruth G. da Costa Lopes*

Assim como muitas crianças, passei minha infância imersa nas histórias e fantasias dos contos de fadas. De acordo com Karin Volobuef:

Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e tantos outros personagens de contos de fadas nos acompanham desde as nossas primeiras impressões de infância. São parte integrante de nossa cultura e formação como leitores, fundamentais para estimular a nossa capacidade de imaginação. (2013, s/p)

Envolvida com as tramas e os finais felizes de quase todas essas histórias, não me dava conta das diferentes famílias que me eram apresentadas em cada uma delas: Chapeuzinho Vermelho morava só com sua mãe, Branca de Neve morava com seu pai e sua madrasta e passa a formar uma nova família com os 7 anões, Cinderela morava só com sua madrasta e suas duas meia irmãs, João e Maria ficaram órfãos de pai e mãe e Pinóquio vivia só com seu avô.

Se por um lado essas referências literárias aguçaram em mim o desejo de ser feliz para sempre, por outro lado não foram suficientes para me mostrar que a família idealizada pode não ser a regra dos contos de fadas, das famílias, da minha família.

Os bons e saudosos anos da minha infância, juventude e primeiros anos da vida adulta carregaram a concepção de família formada por pai, mãe e filhos, que tentei seguir, manter e construir enquanto pude. Porém, chega a hora de ressignificar esse entendimento. Segundo Sarti (2004, p.13) família “[...] é algo que define por uma história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por ele, reproduzida e ressignificada, à sua maneira”.

Após uma separação, dois filhos, quarenta anos de vida e algumas novas leituras, que não mais os contos de fadas, entendo que a família nuclear de pai, mãe e filhos é uma representação idealizada, de senso comum, proveniente da nossa cultura, e que por muito tempo me ofuscou e impediu de ver e entender a amplitude da família real na qual estou inserida, e nos múltiplos formatos de famílias existentes.

No desejo de compreender melhor as famílias atuais e suas novas possibilidades, recorro à proposta de Sarti (2004) de voltar o olhar para minha família, compreendê-la tanto ao ponto de estranhá-la, de vê-la de fora, para assim criar o estranhamento e distância necessária para rever verdadeiramente este tema, sem as lentes da minha própria experiência. A autora afirma que “exige um esforço de estranhamento, nem sempre fácil, quando estão em jogo outros pontos de vista, diferentes das nossas próprias referências culturais e sociais” (2004, p. 11).

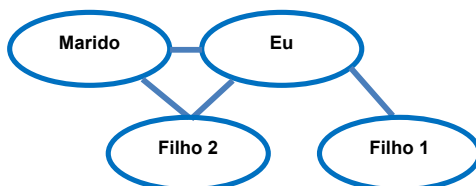
Meu primeiro olhar incide sobre minha família nuclear atual formada pelo meu marido, pelo meu filho, fruto do meu primeiro casamento, e pelo meu segundo filho, que chegou há dois anos, fruto do meu casamento atual. Meu marido não é pai do meu primeiro filho, meus filhos são irmãos somente por parte de mãe. Isso nos faz menos família? Isso os faz menos irmãos? Meu marido e meu primeiro filho são da mesma família simplesmente por morarem no mesmo teto ou o sentimento, rotina, intimidades que dividem no dia a dia os fazem família? Considero-nos família, completa e una, simplesmente por nos sentirmos e nos relacionamos assim. Vivemos uma família com todas as problemáticas das relações entre enteado e padrasto, com todos os conflitos entre irmãos de idades tão distintas e de pais que se casaram com quase 40 anos de idade, trazendo seus modos das vidas independentes.

No dia a dia dessa família a rotina nos presenteia com uma troca de intimidades, de olhares, de humores, de afetos e desafetos, e com ela vamos emaranhando, fortalecendo os vínculos que habilmente desfazem alguns nós e, inevitavelmente, criam outros. Mas é na hora do sono, no “exame de consciência da noite” (Foucault, 1982, p. 433), que percebo nossas relações cheias de amor e de querer bem, e mesmo com cada um construindo de forma independente sua trajetória, os planos e vivências conjuntas nos unem e nos

fazem família, com as necessárias negociações e compreensões constantes. Diz Sarti que:

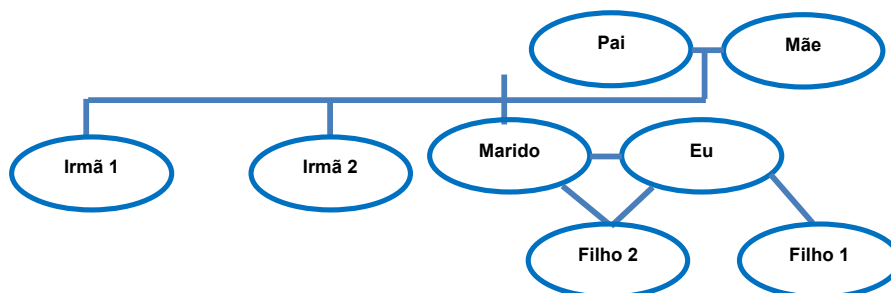
As relações, mesmo dentro da família, tornaram-se o produto de permanentes negociações, cujos termos não estão dados, mas precisam ser elaborados, segundo o que qualifica como princípio da autonomia [...]. Assim, a comunicação entre os homens – impulso em direção ao outro-, imprescindível e imperiosa, leva-nos incessantemente a buscar soluções para a vida em comum, na família e fora dela (2001, pp.92-93).

Minha família nuclear atual



Olho para essa formação de família e sinto falta. Sinto falta da minha primeira família nuclear, a família da minha infância e adolescência formada pelo meu pai, minha mãe, e minhas duas irmãs. Por não morar mais sob o mesmo teto será que não somos mais família? Ou para ser família há que se morar sob o mesmo teto? Deixaram de ser minha família quando eu saí de casa para trilhar meu caminho numa outra cidade? Na minha concepção, um teto não deve definir família. Meus pais e irmãs significam muito para mim, e serão a família eternamente, pois “se os laços biológicos unem as famílias é porque são, em si, significantes (SARTI, 2001, p. 92).

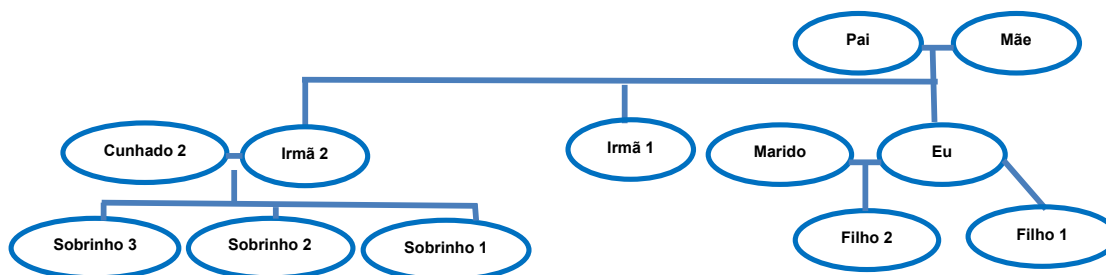
Minha família nuclear atual e minha primeira família nuclear



Por meio da irmã mais velha a família cresce e incorpora o cunhado, que mesmo tendo chegado depois da minha infância e adolescência e não ser do meu sangue é amado como irmão. Esta irmã me presenteia com os sobrinhos, que sempre me despertam um sorriso espontâneo no rosto e um coração de tia feliz. Cunhado e sobrinhos conhecem o DNA da minha primeira família nuclear, transmitido para eles através da minha irmã mais velha. Eles sabem, sentem,

vivem o âmago das relações entre eu, minhas irmãs e meus pais, conhecem nossas histórias, nossos laços, nossas diferenças. Eles complementam e fazem parte da minha família.

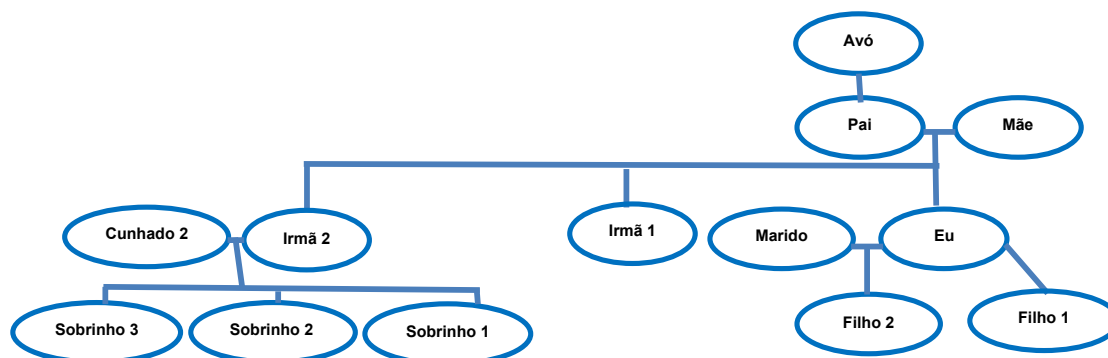
Minha família nuclear atual e minha primeira família nuclear, com cunhados e sobrinhos



Mas não me sinto ainda completa com esta família. Meu coração não aceita a ausência da minha avó paterna nesta formação. Esta avó foi e é presente em minha vida, nas minhas histórias, nas minhas lembranças. Mesmo sem termos morado sob o mesmo teto mora em meu coração, que a sente como parte fundamental e estrutural do que considero família. É esta minha avó paterna, quem traz a herança mais distante de meus antepassados, é quem me conta as histórias, é quem localiza, determina, representa e me dá o acesso à minha origem.

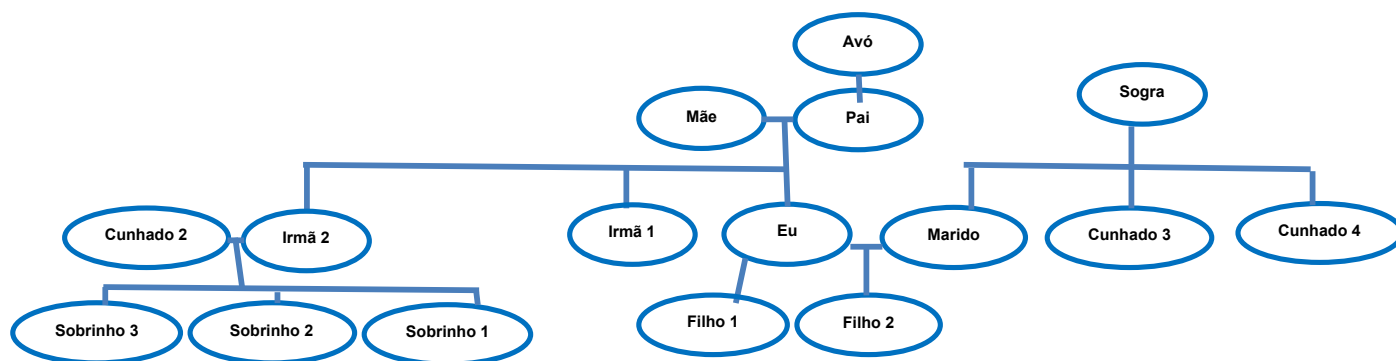
Novamente recorro a Sarti (2001, p. 91) que diz “os velhos são os que têm o domínio da história familiar, que vai sendo contada de uma geração a outra, identificando os familiares, e conferindo-lhes, desde pequenos, um lugar de pertinência”. E Goldfarb e Lopes (2011, s/p) acrescentam “a certeza da origem e a confiança sobre a possibilidade de investimento futuro abrem uma linha de historicidade. Sem este acesso à historicidade, o Eu não poderia ganhar autonomia e ficaria eternamente preso ao desejo parental”. Sou e serei eternamente grata a esta minha avó por toda valiosa herança que deixará em mim.

Minha família nuclear atual, minha primeira família nuclear, com cunhados e sobrinhos e avó paterna.



Com meu casamento atual minha família também aumentou. Hoje eu sinto e vivo o âmago das relações entre meu marido, seus irmãos e sua mãe. Conheço suas histórias, seus laços, suas diferenças. Eu me importo e me preocupo com eles, tenho um bem querer por eles. Eu os completo e os presenteio com meus filhos, seus sobrinhos e neto e assim fazem parte da minha família.

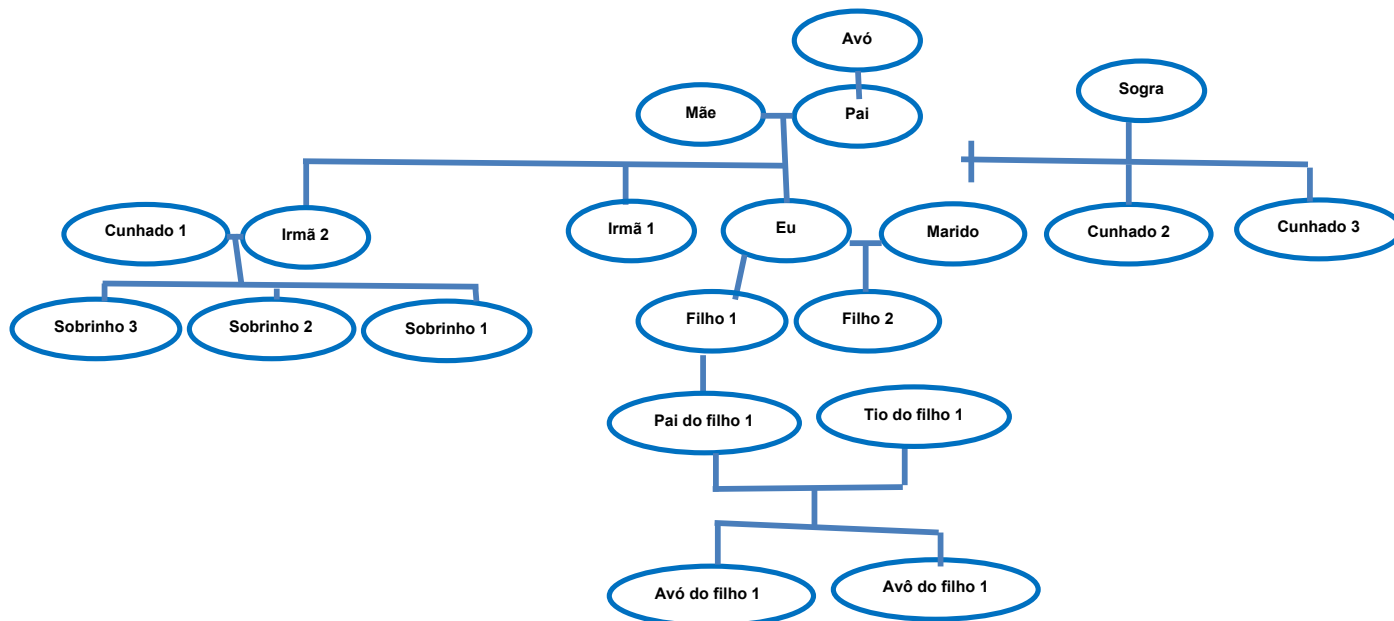
Minha família nuclear atual, minha primeira família nuclear, com cunhados e sobrinhos e avó paterna, e sogra



E quando um casamento acaba se desfazem, necessariamente, os laços familiares formados através dele? Talvez minha família seja sim uma grande família, pois incluímos nela a família de meu primeiro filho: sua avó, seu avô, seu pai e seu tio. Habitualmente, teriam deixado de ser minha família no dia que me separei do pai do meu filho, mas continuamos família, e não somente pelo laço de sangue com meu filho mais velho, mas principalmente pelas relações positivas que se criaram desde então. Relações que permaneceram mesmo após a chegada do meu marido atual, que compreendeu os vínculos afetivos sinceros e a cumplicidade destas relações. Criar um filho só, numa grande cidade, não é fácil e o bem estar do meu filho foi a principal razão para a escolha de manter boas relações.

O pai, avós e tio do meu primeiro filho me deram todo suporte necessário para uma boa conciliação entre filho e trabalho, sem grandes perdas por ser mãe solteira numa grande cidade, e hoje essas relações ultrapassam a cordialidade e são cheias de afeto. André, meu filho mais novo, tem 3 avós: minha mãe, a mãe de meu marido, e a avó do meu primeiro filho que o recebeu como neto desde quando estava em meu ventre. Esta avó não faz parte de nossa família porque almoça conosco em casa toda semana, porque é minha ajuda com o leva e traz das crianças, ou porque é uma das minhas melhores amigas e confidentes. Ela faz parte porque a amamos e simplesmente queremos que ela faça parte, assim como o avô, o pai do meu primeiro filho e seu tio. Esta avó fez a ponte entre “sua” família e a “nossa”, nos transformando numa grande família. Ajudamo-nos, nos apoiamos e formamos uma rede de segurança maior para cada um de nós.

Minha Família



Hoje minha família é formada não só por pai, mãe e filhos, mas principalmente por relações, por escolhas e por afeto, de um jeito ímpar, pois “a família, como o mundo social, não é uma soma de indivíduos, mas sim, um universo de relações” (Sarti, 2004, p.18).

Através da análise da minha família, acredito que cada família seja única e móvel. “A família não é uma estrutura homogênea e estável, mas uma organização relacional complexa e dinâmica” (Goldfarb e Lopes, 2011, s/p.). Mesmo sabendo que a ruptura do formato idealizado de família ainda choca, causa estranhamento, julgamento, preconceito e rejeição, pois fui mãe solteira, sou mãe de 2 filhos - um de cada pai - e mantive os laços de família com a família de meu ex marido.

Os contos de fadas já me mostravam que as famílias não precisam ser feitas somente de pais, mães e filhos, e que o amor pode ser a maior razão das relações.

O poder do amor que faz o homem primitivo relutar em abrir mão de sua companheira (objeto sexual) e esta, de abrir mão de sua cria: Eros e Anaké (amor e necessidade) tornaram-se a base da civilização atual. Vemos que o amor dá origem à família. (Goldfarb e Lopes, 2011, s/p)

Referências

GOLDFARB, D.C., LOPES, R. G. C. *Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações* (2011). Acessível em http://geracoes.org.br/novo_site/avosidade-a-familia-e-a-transmissao-psiquica-entre-geracoes-2/

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Aula de 24 de MARÇO de 1982.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 15(3), 2004. <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf>

SARTI, C. A. A velhice na família atual. *Acta Paul Enf.* V14, n2. 2001

VOLOBUEF, K. *Contos de fadas dos Irmãos Grimm*. Acessível em <http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental-arquivo/contos-de-fadas-dos-irmaos-grimm>, 10/01/2013.

Filme: *Família da Samba*. Diretor: Marcus Ribeiro. Brasil (1994).

Filme: *Uma nova amiga*. Diretor: François Ozon. França (2014)

Data de recebimento: 10/03/2016; Data de aceite: 10/05/2016.

Ana Gabriela Sturzenegger Michelin - Publicitária (FAAP), com MBA executivo em mkt (ESPM), mestranda em Gerontologia pela PUC-SP, fundadora da consultoria de pesquisa de mercado e inovação Gabi Michelin. E-mail: anagabimichelin@gmail.com

Ruth Gelehrter da Costa Lopes – Professora associada da PUCSP: Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, curso de Psicologia e supervisora da Clínica-escola “Ana Maria Poppovic” no Atendimento Psicoterapêutico a Idosos, em Grupo. E-mail: ruthgclopes@pucsp.br